

BOLETIM FALAMEU! MEU



*orkut
conecte-se na vida
das pessoas*

>>>pág.7

7º EECDME

pedagogia do afeto

>>>pág.9



*Depressão
adolescentes também
tem. Como sair?*

>>>pág.6



*Aborto
...uma discussão que
não tem fim... que bom!*

>>>pág.3



por: Thiago Rosa

NOVEMBRO de 2007
será um mês marcante.

O mais marcante de tudo foi o *Encontro Estadual da Comissão Diretora de Mocidades Espíritas (EECDME)*, exposto como capa. O encontro em São José do Rio Preto, no feriado de finados pôde reviver muitas coisas boas e trazer à tona um ânimo que parecia perdido. Um evento como este que tem o objetivo de traçar novas metas e um novo prisma para as mocidades e o movimento jovem espírita como um todo, digamos que foi inspirador. Ainda mais com o temário tão propício como a *Pedagogia do Afeto*.

Ter participado um pouquinho, mínimo possível, na formação deste evento foi gratificante. Ver os jovens de cada lugar se empenhar na realização do temário; o estudo e a discussão. Você poder ver o jovem tomar a frente, na busca do auxílio para outras mocidades, para outros jovens, é algo assim "fantástico". Falo até como se não fosse um destes jovens.

Talvez muitas pessoas não imaginem o grupo de amizade que é formado, a discussão proveitosa quando se faz um trabalho sério. É realmente encantador. Lembro ter vivido momento parecido na discussão do Encontro de Dirigentes de Mocidades Espíritas da Capital e Arredores (EDMEC) este ano, aqui na cidade paulistana, que por sinal teve o mesmo tema.

Visitando algumas páginas na Internet e fuçando no *Youtube* que tem muitas coisas boas também, têm um videozinho lá com

algumas fotos legais e a dança egípcia que o pessoal formou no pátio da escola, inteirinha. Vídeo de sete minutos e pouco que o pessoal da região editou. Muito legal! Quem quiser acessar, aí vai o link: <http://br.youtube.com/watch?v=FSz7M3oF1y8>

Quem quiser também matar saudade, criar um fórum de discussão e manter o contato com o pessoal que muitas vezes mora longe, podem acessar a comunidade no site de relacionamento Orkut: <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=19001556>

Para o pessoal do leste do estado paulista, na 1ª Assessoria da USE, vale lembrar a data da 3ª Prévia da 31ª COMELESP – 2008. Com o tema já escolhido "Amo, logo existo", a prévia que objetiva finalizar um pré-estudo, preparo e abrangência do tema será realizada entre os dias 25 e 27 de janeiro, com o valor de R\$ 12. Portanto aos interessados, favor entrar em contato com o dirigente de sua mocidade, distrital, intermunicipal ou regional e garanta seu lugar. Lembre que você é convidado fundamental na formação deste evento tão importante. Só para lembrar também, vale ressaltar que a sede da COMELESP em 2008 será na cidade de São Paulo, Regional São Paulo, na distrital Freguesia do Ó. O pessoal já está trabalhando duro para o bom andamento do evento.

— FM! —

Boletim Fala Meu!

Fala - Mocidades Espíritas Unidas!

Editor: Thiago Rosa

Revisor: Rodrigo Prado

Colaboraram:

Almir Corrêa, Ivan da Luz, Joelson Pessoa, Kelly Casimiro, Thiago Rosa.

Nesta edição...

- exclamação** Aborto
Ivan da Luz
>>>Pág.3
- cenário** Miss Sunshine
Thiago Rosa
>>>Pág.4
- mais** Os miseráveis
Almir Corrêa
>>>Pág.5
- sensação** Adeprescência
Kelly Casimiro
>>>Pág.6
- giro** orkut
Joelson Pessoa
>>>Pág.7
- capa** Afeto
Thiago Rosa
>>>Pág.9

Terceiro destaque importante que já foi definido agora em novembro é a União dos Encontros de Mocidades Espíritas de São Paulo (UEMESP). Sucesso em 2005, estreitando laços de amizade entre jovens dos órgãos unificadores da USE, Aliança Espírita e Confeesp São Miguel, no próximo ano acontece a segunda edição que já está em discussão e elaboração desde o início deste ano. Portanto anotem aí: dia das crianças, 12 de outubro, acontece o 2º UEMESP. E o FM! vai junto para acompanhar desde já até outubro todo o andamento deste evento que promete. Só para lembrar também, em 2005 tivemos a presença de aproximadamente 750. Quer número melhor que este?



texto: Ivan da Luz



Aborto

*Eu tô grávida || Grávida de um beija-flor ||
Grávida de terra || De um liquidificador || E vou
parir || Um terremoto, uma bomba, uma cor ||
Uma locomotiva a vapor || Um corredor (...)*

Marina Lima - "Grávida"



RECENTEMENTE

o Ministro da Saúde, José Temporão, teve a coragem de manifestar que, em sua opinião, é necessário discutir a legislação sobre o aborto, mudá-las em alguns pontos, flexibilizando-os até, se fosse o caso. Parecendo que existe uma forte crença de que abortos não são praticados no nosso país, muitos criticaram ferozmente a posição do ministro, pois previram uma epidemia de abortos caso a lei fosse mudada.

Mas a realidade - segundo dados incompletos, uma vez que quem aqui aborta habituou-se a omitir o fato - é outra. Uma indústria clandestina faz quase um milhão de abortos a cada ano em nosso país, com quase 700 mortes de mulheres, fora as centenas de milhares de outras que carregarão seqüelas irreversíveis por conta da prática.

Não quero discutir aqui se devemos ser a favor ou não do aborto. Afinal, embora cada um de nós sejamos livres para opinar, os espíritos da Codificação já nos orientavam a não cometer o aborto, considerando-o inclusive, um crime - à exceção

da confirmação do risco de morte para a gestante, caso em que, inclusive no Brasil, o aborto é permitido.

Contudo, ter um plebiscito para que a população vote é quase que deixar o estado lavar as mãos sobre o tema. Se mudar a lei, muitos ganharão dinheiro com isso, já que ninguém garante que o Estado fará os abortos de graça para aquelas mulheres que optarem pela interrupção da gravidez. Se a lei não mudar ficará como está hoje, e seria como a sociedade dissesse: danem-se as meninas que engravidam, afinal, têm que agüentar as conseqüências de sua invigilância, seja com a chegada de um filho indesejado ou as possíveis seqüelas que pode causar um aborto.

Aliás, a maior parte das mulheres que realizam o aborto também são contra. Sim, mesmo elas, pois a pressão social é grande, a vergonha familiar muitas vezes também, e tantas outras implicações

emocionais... Ou seja, o que temos é fazer o maior esforço possível para que ninguém tenha que passar pela experiência de ter que decidir ou não pelo aborto. E as estatísticas demonstram que a severidade penal não significa redução de abortos. Nos países em que a prática é liberada ocorrem menos abortos - leia-se países de primeiro mundo. Holanda e Alemanha, por exemplo, registram sete abortos a cada mil mulheres. Brasil, Chile e Colômbia 50 mulheres a cada mil abortam.

Para aqueles que se precipitaram e pensaram que informar essa estatística faz de mim um defensor do aborto, acalmem-se! A experiência nesses países nos ensina que a educação em sexualidade desde a infância, igualdade de poder entre homens e mulheres, amplo acesso aos métodos contraceptivos, por exemplo, ajudam a manter bem baixas as taxas de aborto. Por isso, acredito, o Sr Temporão fala em investir numa nova ênfase ao planejamento familiar, ou seja, ensinar a fazê-lo de forma eficaz, os jovens, pessoas de menores recursos, moradores das áreas rurais ou quaisquer outros grupos marginalizados pela sociedade.

Com isso, é imperioso aprendermos a praticar uma sexualidade responsável, ensinando aos mais jovens o respeito mútuo, evitarem a gestação indesejada e garantindo o acesso aos métodos contraceptivos, afinal não devemos negar as vivências sexuais ainda inerentes à juven-

continua>>>

tude, época em que os hormônios e inquietações fervilham em nosso interior, levando-nos à prática do sexo, por vezes invigilantes e até mesmo abusivas. Isso reduz as chances de abortos. De outro lado, é preciso medidas que protejam a grávida que pensa em abortar por impossibilidades econômicas e sociais, abandono do parceiro, desemprego, etc. A pergunta é: a mulher deve ser presa?

Sim, leitores, vocês entenderam bem. Na minha opinião, incriminar a mulher que aborta é ineficaz e perigoso. Injusto porque afeta somente as mulheres com menos educação e recursos econômicos, ou seja, as que não sabem controlar sua vida sexual e não têm acesso a informação nem a serviços de anticoncepção. E perigoso, sobretudo à essas mulheres, já que as que tem mais dinheiro podem ter acesso a clínicas que fazem abortos seguros (e caros), e jamais são acusadas ou condenadas.

O aborto, creio, quase nunca é um evento desejável. E temos dificuldades em entender que, para cada mulher ou casal, as circunstâncias que levam ao aborto são também absolutamente excepcionais e, nesse contexto, muitas vezes, dignas

de compaixão. E falo dos que passam pela experiência, uma vez que os outros, mesmo espíritas, tem muita facilidade em opinar contra o aborto exatamente por esse motivo: nunca ter passado pela experiência de ter que decidir.

Falo por mim, pois mesmo depois de ter estudado o tema, realizado encontros, seminários e palestras espíritas sobre o assunto me defendendo veementemente a opção por não abortar, seja por que hipótese for (à exceção daquela sugerida pelos espíritos), nas duas oportunidades que tive, fui taxativo e disse às companheiras em cada ocasião que, se elas decidissem por abortar, teriam meu apoio, mas que a decisão viria delas. Ou seja, lavei minhas mãos, que é o que pretendemos fazer deixando somente o Estado decidir a respeito do tema. E mesmo quando casado, embora eu não tenha sugerido o aborto à minha ex-esposa, não me acostumava com a idéia de ser pai tão cedo e rejeitei meu primeiro filho quase que toda gestação. Hoje, quando ele está preste a fazer cinco anos, posso dizer que tenho aprendido muito com a paternidade (ver FM! nº 53, onde escrevo sobre a paternidade), e as lições aprendidas são ensinadas

pelo meu filhote, principalmente.

Uma sociedade democrática aceita a liberdade dos indivíduos para fazer valer seus atos por regras gerais de conduta comumente aceitas e que permitem, em última análise, a convivência em sociedade. Para reduzir as gestações indesejadas e os abortos, não faz sentido continuarmos com práticas antigas, e ainda amparadas pelo também antigo Código Penal. É hora de buscarmos um novo consenso sobre essa dramática questão e traduzi-lo em regulamentações condizentes com nosso tempo.

De nossa parte, urge, entre as paredes da casa espírita, discutir a questão, sobretudo entre os jovens, orientando-os a conduzir sua afetividade de forma consciente, responsável e salutar, tendo as orientações dos espíritos amigos como guias para uma vida, inclusive a sexual, isenta de traumas e preconceitos.

**Texto inspirado num editorial da Folha De São Paulo, escrito por Aníbal Faúndes, titular aposentado de obstetria da Unicamp e presidente do Grupo de Trabalho sobre Aborto Inseguro da Federação Internacional de Ginecologia e Obstetria e autor do livro "O Drama do Aborto"*

FM!

cenário

a beleza está nas coisas simples

por: Thiago Rosa

UMA FAMÍLIA a beira de uma crise.

Este é o foco do belíssimo filme, que foi inclusive indicado a Oscar e ganhou a graças do grande público que aplaudiu de pé no Festival de Sundance em 2006. *Pequena Miss Sunshine* é a história de uma família que viaja do Novo México para Califórnia dentro de uma Kombi amarela velha para inscrever a pequena Olive, de sete anos, no concurso de beleza para crianças e pré-adolescentes.

Formada por um avó que cheira

cocaína; um irmão que odeia o mundo e faz voto de silêncio; um pai neurótico que não se dá bem com o cunhado que é gay, depressivo e que tentou se suicidar; uma mãe um tanto protetora; e uma Kombi que só pega no tranco, a viagem em busca de agradar a caçula da família estreita os laços e o convívio entre todos com situações cômicas, comoventes e de grande sensibilidade. Uma jornada que mudará a vida da família para sempre. Como a própria sinopse diz: "O filme é um olhar irônico e humano



sobre as vantagens inesperadas de ser diferente em uma cultura obcecada pelo sucesso". Ou seja, assistam, passem na mocidade e se divirtam com esta bela obra do cinema americano que pouco se vê por aí.

FM!

nº 1 Os Miseráveis

Victor Hugo

adaptação: Almir Corrêa
(história contada em 5 fascículos, um por mês)

Para que o movimento jovem espírita possa conhecer a obra e as idéias desse grande precursor do Espiritismo, é que apresento a você leitor uma adaptação de um de seus romances mais extraordinários: "Os Miseráveis". Nele, Victor Hugo faz uma dura crítica ao sistema e a sociedade francesa da época, e enaltece a crença de que todo ser humano, por pior que seja a sua conduta, pode se transformar, quando encontra oportunidades e meios para tal.

JEAN VALJEAN era um homem rude e pobre. Cuidava sozinho de seus irmãos, pois seus pais haviam morrido. Ele trabalhava como podador de árvores. Mas o trabalho tornara-se escasso e sua família começou a passar fome. Um dia, ao contemplar alguns pães numa vitrine, lembrou do rosto de seus irmãos clamando por comida, e num impulso estilhaçou o vidro com uma pedra, para poder roubá-los. Foi preso em seguida e condenado a cinco anos de trabalhos forçados nas galés. As tentativas de fuga renderam-lhe mais 10 anos de servidão numa pedreira. Um verdadeiro inferno. Quando de sua última fuga bem sucedida, sua dignidade e humanidade já haviam sido dilapidadas. Ele havia se tornado um animal. Não se importava mais em roubar ou matar se fosse preciso.

Ao adentrar num vilarejo à noite, portando um cajado e um saco volumoso nas costas todos o repudiavam, pelo seu aspecto grotesco, seus andrajos e principalmente por saberem se tratar de um ex-condenado.

O único que o acolheu, sem perguntar-lhe quem era, de onde vinha, e porque estava ali, foi o Monsenhor Benvindo, o bispo da cidade de Digne. Suas portas estavam sempre abertas à todos que o procuravam, assim, como o seu coração. Jean Valjean sen-

tiu seus olhos umedecerem quando foi chamado de senhor pelo religioso. Há muito ninguém o tratava dessa forma, com respeito.

Ele fez questão de dar suas referências, para que soubesse quem era o homem que o Monsenhor estava prestes a admitir em seu lar:

- Sou um ex-condenado, cumpri trabalhos forçados. E tirando um papel do bolso, mostrou-o. Não sei ler, mas este documento diz que sou muito perigoso. Mesmo assim deseja me acolher? Não teme pela sua vida?

Sem afetar-se o bispo respondeu:

- Seus olhos me dizem mais do que este pedaço de papel, meu filho. Vejo que tem bom coração. Ele somente enregelou pela frieza daqueles que se esqueceram de sua própria condição humana. Além do mais, confio minha vida a Deus e vivo para servi-lo. Quando chegar minha hora irei em paz.

A resposta do bispo deixara-o pasmo. Nunca conhecera alguém com tamanha fé e coragem. O Monsenhor pediu a uma serviçal para colocar mais um prato à mesa de jantar e como era de praxe, quando tinha convidados, dispôs os talheres e castiçais de prata.

Jean Valjean comia com gosto e ainda não acreditava que estava sendo tratado como se fosse um cavalheiro. Ao dar a úl-

tima colherada, pôs a mão na barriga e disse com satisfação:

- Agora, só me falta uma boa noite de sono e amanhã serei um novo homem.

Ele não notou que o bispo sorriu com os olhos ao ouvi-lo pronunciar essa frase.

Em seguida, o religioso o conduziu até sua cama, cujos lençóis haviam sido trocados e eram muito alvos. No caminho o ex-condenado viu a empregada guardando os talheres de prata numa caixa e, esta, dentro de um armário no corredor.

Já na cama, demorou a dormir. Se questionava sobre o motivo de todo o tratamento gentil que estava recebendo. Não confiava nas pessoas. Havia se acostumado à rudeza da alma humana. Quando finalmente pegou no sono, como sempre, foi conturbado. Sempre tinha o mesmo pesadelo, de que estava na prisão sendo surrado por um dos guardas. Isso era o que ele mais temia, voltar para a prisão e para os castigos diários. Ele sabia que se fosse pego, por ser um foragido da justiça, ficaria preso pelo resto da vida. Era madrugada quando acordou suado e ofegante. Ele se levantou, lembrou-se dos talheres de prata e decidiu roubá-los e fugir na calada da noite.

Quando estava colocando-os no saco de viagem o bispo acor-

continua>>>

sensação

Adeprescência ...

a depressão na adolescência

por: Kelly Casimiro
(nossa convidada Kelly é Psicóloga)

A adolescência é caracterizada por uma série de mudanças e, essa, é com certeza uma das fases mais marcantes de nossas vidas.

Antigamente a adolescência era uma fase que não existia. Foi no início do século passado que esse "ser"

com idade entre 12 e 18 anos tornou-se objeto de estudo das ciências humanas. Digo "ser", pois nessa faixa etária não se era criança e nem adulto. Hoje sabemos que a adolescência é uma etapa da vida marcada por perdas, ganhos e medos. Vejamos...

É comum o "luto" pela perda do corpo infantil, uma vez que se iniciam as mudanças físicas e a maturação sexual. Por vezes, ouvimos que essa é a fase em que os hormônios estão em ebulição. E de fato, estão mesmos! Temos também o luto pela perda dos pais da infância, já que crescemos e não somos mais tratados como crianças. Há também o luto pela perda da identidade, uma vez que outras experiências são adquiridas. Soma-se a tudo isso a crise religiosa, a descoberta da sexualidade e a incompreensão da sociedade. Muita coisa para um adolescente lidar, não é?

Pois bem. Todos esses aspectos podem ser desencadeadores de conflitos internos. Em outras palavras, podem provocar um processo depressivo. Se buscarmos uma definição para depressão, temos que é um distúrbio mental decorrente de um conflito interno e de alteração bioquímica. Resumindo: todas as mudanças que um adolescente vivencia, podem provocar uma crise depressiva.



Uma das formas que o adolescente encontra para amenizar tal situação é filiar-se a grupos como uma forma de encontrar sua identidade. O que ocorre é que muitas vezes, esse comportamento é tido como desafiador e agressivo para com a família e então, outro problema instala-se. O contrário também pode acontecer. Quando o adolescente se vê como alguém muito diferente dos demais, isola-se do mundo e também da própria família. Por fim, ambas as situações auxiliam no surgimento da depressão.

Contudo, engana-se aquele que pensa que tudo isso é só para chamar a atenção. Daí ouvirmos até com certa frequência o trocadilho: "Não sou *Aborrescente*. Sou *Adolescente*". Temos que ter em mente que a depressão hoje tem se configurado como a doença do século. Quantos de nós conhecemos pessoas com depressão?

Para clarificar, seguem alguns sinais e sintomas psíquicos dos quadros depressivos: tristeza, desânimo, apatia, insegurança, irritabilidade, auto-estima depreciada, choro persistente, insônia ou sono exagerado, alteração do apetite, ganho ou perda de peso e falta de interesse para atividades da vida diária (tomar banho, pentear o cabelo, escovar os dentes, alimentar-se).

dou com o barulho vindo do corredor e abrindo a porta de seu quarto topou com ele na penumbra. Sem dizer uma palavra Jean Valjean deu um soco no rosto do religioso que caiu desmaiado.

Logo pela manhã, o Senhor Benvindo estava cuidando do jardim e ouvindo a lamentação da serviçal:

- Eu bem que desconfiei daquele homem, senhor bispo. Não deveríamos tê-lo acolhido. Veja como nos retribuiu. E agora, com que comeremos?

- Ora menina, pare de se queixar. Comeremos com talheres de madeira.

Nesse ínterim, dois policiais adentraram pelos portões do jardim conduzindo Jean Valjean algemado.

- Senhor bispo - disse um dos policiais - encontramos esse homem e por achá-lo suspeito o interrogamos e ele estava com esses talheres de prata, que diz ter ganho do senhor.

- Sim, disse o bispo, eu os dei a ele.

E olhando para Jean Valjean que estava envergonhado e de cabeça baixa, completou: - Devia ter levado também os castiçais. Eles valem muito. Agora senhores, por favor, soltem-no, pois ele precisa seguir sua jornada.

Jean Valjean não acreditava que estava sendo libertado. Enquanto os policiais se retiravam o bispo apanhou os dois castiçais, colocou-os no enorme saco de viagem, baixou o capuz que cobria a cabeça do ex-condenado, olhou fundo em seus olhos e disse em tom grave:

- Jean Valjean, meu irmão, com essa prataria eu compro a sua alma de todo o mau e a restituo a Deus. Você não mais pertence às trevas, mas sim à luz. E lembre-se, de que prometeu se tornar um novo homem.

Como que tomado por estranho sentimento de veneração, Jean Valjean consentiu com a cabeça, tentou falar, mas sua voz não saía. Notou surpreso que dos olhos do bispo emanava uma doce e envolvente luz. E desse dia em diante sua vida nunca mais foi a mesma.

FM!

continua>>>

continua>>>

giro

Para que o jovem consiga vencer essa etapa da vida, é de fundamental importância que os pais, principalmente, conheçam e conversem com seus filhos sobre assuntos como sexualidade, relacionamentos, drogas, escolha da profissão. Sabemos que muitas vezes, infelizmente, isso não é possível, pois também é grande o número de pais que passaram pelas mesmas dificuldades e não tinham um ombro amigo para conversar. Portanto, não sabem como agir.

Se você é um desses filhos, não critique nem julgue sua família. Em geral, o ser humano só consegue ofertar aquilo que um dia teve. Aproveite a chance e faça a diferença.

Lembro que quando fui adolescente (e não faz tanto tempo assim!), vivi os mesmos conflitos dos jovens de hoje. Para mim, o conforto veio com a religião. Trocar experiências, conversar com outras pessoas, conhecer outras realidades, fez muito a diferença na minha vida. E hoje, ainda trabalhando com jovens, posso assegurar que é na religião que nos fortalecemos.

Muitas vezes, quando não conseguimos essa troca de experiência, nossa vida se torna um grande vazio e a fuga se mostra quando passamos horas em frente à televisão ou navegando na internet. Poder discutir sobre os assuntos cotidianos, sair para assistir um filme, fazer uma visita assistencial (em asilos, orfanatos, hospitais) é uma experiência riquíssima. Você já experimentou isso? Por vezes, ficamos roucos ou sem voz, cansados como se tivéssemos corrido por dias, mas garanto que não há dinheiro que pague essa troca de energia, experiências e principalmente doação de amor. Assim, com certeza, não há depressão que resista.

Agora, se ainda assim você sentir necessidade de conversar com alguém, talvez um psicólogo possa ajudar. No entanto, tenha consciência de que a depressão pode ser tornar algo grave se não for diagnosticada a tempo. E em muitos casos, atitudes simples podem fazer a diferença na nossa vida. Pense nisso! **FM!**



texto: Joelson Pessoa



RECENTEMENTE o FM! trouxe para matéria de capa uma reflexão sobre a internet (ver edição nº51, maio 2007), o que é bastante pertinente haja vista o resultado de uma pesquisa divulgado há poucas semanas: nós, os brasileiros, somos os internautas que passam o maior tempo plugado na rede, em domicílio, à frente dos americanos e dos japoneses.

Através da internet crimes diversos e uma série de contravenções fazem vítimas todos os dias no Brasil e no mundo. Já está bastante comum ver nos noticiários os crimes da internet dividir espaço com crimes convencionais. Não é por outra razão que autoridades nos recomendam cautela e discrição das nossas informações pessoais nos sites de relacionamentos como o Orkut, o risco é de que os objetos de valor exibidos nos álbuns e o costume em compartilhar indiscriminadamente nossos hábitos e informações, tornar-nos-iam um alvo fácil para bandidos que praticam o seqüestro - relâmpago ou o falso seqüestro, entre outros.

Diante dos riscos o lema é prudência. Suspender o uso da tecnologia ou deixar de viver por medo não é a atitude mais sensata. E o Orkut, por exemplo, é uma ferramenta que constitui oportunida-

P"orkut" ...

você pode apenas se conectar à internet; mas você também pode se conectar na vida de muitas pessoas espalhadas pelo mundo

des incríveis para se conhecer o mundo, e falo de um conhecimento que chega pela via mais interessante: o próprio ser humano.

Há cerca de 2 anos descobri que poderia, pelo Orkut, penetrar nos costumes de povos diferentes e saber muito mais do que simplesmente ler o artigo de um repórter que descreveu as suas impressões particulares sobre as pessoas e as coisas que viu. Fascinei – me com a constatação de que eu próprio podia me relacionar em tempo real com estas pessoas e saber através delas mesmas como estão, como vivem, que pensam sobre nós, enfim: conhecer todo um mundo de coisas novas.

Atraído pelas culturas do oriente, dirigi meu cursor para algumas comunidades asiáticas e visitando-as fui recebido com inequívocas demonstrações de carinho e admiração – simplesmente por ser brasileiro.

Indianos (80% hindús - 10% muçulmanos - 10% outros: sikhistas, budistas e cristãos), persas (85% muçulmanos e 15% zoroastras), árabes e paquistaneses (muçulmanos) e os povos de origem eslava do leste europeu (cristãos) formam as maiores populações no Orkut, atrás de nós, os brasileiros, que constituímos cerca de 60% da população total do Orkut.

Com a evolução do diálogo e das trocas de informações nasceu uma amizade bonita entre mim e alguns orientais, passamos a nos corresponder semanalmente, aprendi muito (comparado ao nada que sabia) sobre os hindus e muçulmanos. Descobri músicas de alta quali-

continua>>>

continua>>>

dade e de belezas desconhecida que o ocidente presunçoso se priva de divulgar. Há cidades no Irã, nos Emirados Árabes, em Cingapura ou na Malásia tão desenvolvidas quanto às melhores cidades da Europa e da América.

Os indianos estão presentes em grande número nas melhores universidades e nos principais centros de educação da Ásia ou da Europa.

Os jovens muçulmanos, em sua boa maioria, nada têm de fanáticos, mas se vêem compelidos a tolerar os regimes repressores que vigoram em muitas nações onde o poder do Estado está sob a injunção dos líderes do Islamismo, tal qual fora a nossa própria história por mais de um milênio em que os reis e imperadores somente governavam se houvesse obediência aos interesses da Igreja do Vaticano.

Tohid Navabi: iraniano, estudante de engenharia e urbanismo, agnóstico. É uma amizade gratificante viabilizada pelo Orkut, sua família emigrou para a Holanda por ocasião da revolução islâmica de 1979, que culminou com a queda do último rei persa e um regime islâmico repressor fora implantado no Irã pelos aiatolás. Muitos iranianos deixaram o país.

Os holandeses desprezam os imigrantes e não se confraternizam com eles, Tohid foi o primeiro asiático a me afirmar que, entre os povos ocidentais que ele conheceu, os brasileiros são os mais amáveis e sociáveis, tanto assim que, por email, ele tem me confiado as suas preocupações pessoais e confidenciamos-nos um ao outro.

Arindam Chatterjee e **Mukulika Jana**, indianos e praticantes do hinduísmo, estão noivos e têm adoração pela língua portuguesa, ensino-os quanto possível e, vez por outra, alguns dos seus amigos visitam minha página e me deixam saudações, curiosos para me conhecer e principiar um diálogo justificam-se assim: "neste final de semana eu ouvi falar muito de você" é quase sempre assim que ganho um novo amigo na Índia. Arindam e Mukulika reiteram a todo o tem-

po o convite que me fizeram para visitar o seu país e hospedar-me em suas casas, insistem para que eu conheça uma cerimônia de casamento hindú.

Hamza Ameer, paquistanês, praticante do islamismo, homenageou-me com um depoimento e com um filme que eu conservo em meu álbum de vídeos no Orkut.

Enviei cartões postais para muitos amigos, alguns retribuem, mas quero compartilhar uma surpresa que não posso esquecer jamais: Numa fria segunda-feira de Maio, chegava em casa do trabalho, aborrecido com alguma contrariedade da qual já não me lembro mais, quando minha vizinha me procurou para entregar um grande pacote trazido pelos Correios. Intrigado, busquei direto o nome do remetente: Tohid Navabi.

Quem te mandou? _ Minha mãe perguntou _ Meu amigo iraniano mãe, lembra-se? Já te falei dele. _ Não encontrei palavras para exprimir aqui a cara que a minha mãe fez ao me advertir: _ Ai Jolelson, mas você vai abrir isto?

Abri a caixa diante de minha mãe. Aquela caixa não continha nenhum explosivo, nem antrax. Havia nela: CDs, um CD mp3 – álbuns dos músicos iranianos mais talentosos (**Dariush**, **Ebi**, **Shadmehr Aghili**), um jogo de **Khattan** – artefato persa de mesa, espécie de porta-canetas combinado a um porta-retrato; uma lata de **Sohan** - doce persa; dezenas de cartões postais de uma viagem que ele acabara de fazer à China, um **souvenir holandês** em porcelana; uma **carta** e um **cartão de aniversário**.

Exatamente, tudo isto era um presente de aniversário. Meu aniversário é em Março, e meu amigo explicava na carta que devido ao estágio que ele fazia em Xangai (China), exatamente naquele período, só fora possível postar a correspondência quando ele retornou da viagem.

Eu fiquei excepcionalmente comovido com este gesto de apreço, gostei muito dos presentes, especialmente dos CDs, a música persa é linda (iranianos são persas e não árabes) ouço Dariush e Shadmehr quase diari-

amente, mas se o valor de uma amizade não se afere em objetos materiais, e eu penso assim, foi possível aferi-la na carta de três páginas escrita a punho onde ele me participava de assuntos da sua vida privada, seus sonhos, seus receios, da sua história de vida, da satisfação que nossa amizade lhe causa, da crescente vontade em vir conhecer o Brasil...

Numa breve avaliação posso assegurar que meu patrimônio cultural cresceu à medida que cresceu meu intercâmbio com o desconhecido; Conheci pessoas e culturas diferentes e elas me trouxeram aprendizados - um aprendizado pelo amor, prazeroso. Compartilhei e continuo compartilhando o que sei e o que tenho, ampliando o meu saber e o do outro, e isso me causa um suave bem estar. Fiz novos amigos vencendo as barreiras das diferenças, diferenças que a nossa tendenciosa cultura de massa faz parecer intransponível (Ou você nunca associou muçulmano a homem-bomba?).

O fato é que as experiências felizes que eu compartilhei contigo leitor, foram possíveis graças ao instrumento da internet e ao serviço prestado pelo Orkut.

Com estas palavras pretendi demonstrar que as inúmeras ferramentas que a civilização vem conquistando, são todas elas dignas do nosso reconhecimento porque exaltam a capacidade intelectual e a criatividade humanas, nos dadas por Deus. Cabe à consciência e ao coração de cada homem escolher como vai fazer uso destas ferramentas.



Pedagogia do Afeto no interior do estado de São Paulo



por: Thiago Rosa



Inspirados na obra de Ermance Dufaux, 7º EECDME realiza estudo sobre a pedagogia do afeto na cidade de São José do Rio Preto

SÃO JOSÉ do Rio Preto.

Cidade com nome de santo, de céu aberto reluzente iluminando logo pela manhã por um feixe de luz solar o pequeno espaço entre a cortina e a borda da janela, que estava destampada. Os olhos marejados de sono, as pernas doloridas, já que não cabiam direito no espaço reservado entre a cabine do motorista e o banco. É ruim ser alto nestas horas. As costas dormentes, o sono ainda escalando todo o corpo. Um suspiro e a expressão: "- Chegamos!".

Depois de seis horas de viagem pela noite adentro nas rodovias que rodeiam o estado paulista e nos levam para os seus arredores, apesar do cansaço, veio a alegria e o conforto de ter chego ao nosso destino. É o meu primeiro *Encontro Estadual da Comissão Diretora de Mocidades Espíritas*. Nome grandinho que reduzimos para a sigla EECDME.

Desta vez, com a sede em Rio

Preto, a sétima edição do evento, organizada pelo pessoal do Departamento de Mocidades da USE, 3ª Assessoria, contou com um tema um tanto quanto discutido em seus bastidores, com bastantes resquícios, mas com o nome de "Pedagogia do Afeto".

Baseado nas obras de Ermance Dufaux e sob a luz da codificação espírita, mesmo tendo estudado o tema em três outros momentos na cidade de São Paulo, através do *Encontro de Dirigentes de Mocidades Espíritas da Capital e Arredores* (EDMEC), sinto que desta vez o tema remexeu comigo. E, não muito silencioso, o tema mexeu com várias pessoas, jovens e adultos, de diversas formas. Acostumados nós que estamos com o estudo do tema, porém dividido em três edições anuais do EDMEC, não poderíamos visualizar resultado maior do que foi apresentado neste encontro.

LOGO QUANDO chegamos recebemos a nossa bolsinha de TNT

contendo um manual de regras e explicativo sobre o encontro e sobre a cidade, uma caneta e um copo plástico contendo um bilhete dentro com cuidados sobre o sol forte que fazia na cidade e nos indicando a ingerir muita água para a não desidratação. Mesmo com a chuva que em muitos momentos participou conosco dos três dias que estivemos presentes na cidade, não havia nada que pudesse refrescar. Um ar abafado e quente. Nem sombra poderia afastar o calor que fazia. Não é por menos que todos os dias, desde que chegamos, os ventiladores das salas não pararam de funcionar um minuto sequer, nem na hora de dormir. Para nós que somos da cidade da garoa ou próximos da capital, um calor destes não estamos acostumados. E isso porque os moradores da cidade alertaram que os dias estavam frescos. Imagine só o que é calor pra eles.

Isso também não é nada. Mui-

continua>>>

ta água, banhos frescos e a companhia de diversas pessoas de diferentes realidades, culturas, a convivência com as diferenças que nos acercavam, mostram que o tema foi realmente aplicado desde o momento que chegamos até o momento final de adeus.

Reencontramos algumas pessoas de eventos passados, de laços de amizades longínquos, que muitas vezes não podem ser mais extensos pela distância que nos separam. Mas, quando reencontramos, o abraço apertado e afetuoso, de carinho, mesmo pra quem se sente um estranho, faz a reverência feliz de boas-vindas. A recepção foi muito proveitosa, feliz como um sentimento de paternalismo, podendo ser visualizado também nas salas de estudos entre os monitores bem preparados junto com os jovens participantes surpresos com cada momento novo que surgia.

Uma coisa tínhamos que pensar acima de tudo, que estávamos ali como aprendizes de novas idéias, troca de experiências e conhecimentos para trazeremos de volta às nossas mocidades um novo estudo, uma nova forma de vivenciarmos o movimento espírita.

Confesso que meu desânimo inicial, causado por diversas coisas particulares, foi suprido pelos momentos felizes, com novas idéias que durante as dinâmicas e estudos aplicados, fervilhavam em minha mente como se brilhasse uma luz dentro de mim. Pensava a todo momento: "Nossa, isso eu posso levar pra minha mocidade"; "Isso pode ser feliz na distrital que eu atuo".

A *Pedagogia do Afeto* está alinhada com os sentimentos, com a forma de ouvir, de tratar o jovem que adentra nas casas espíritas em busca de respostas para os seus anseios, dúvidas e questionamentos que ele não encontra em nenhum lugar. No EECOME, me senti como este jovem novo que acaba de adentrar em um grupo de estudo de mocidade. Poderia dali ter dois resultados: ficar frustrado por não encontrar o que queria, e

apenas fingir que estava tudo legal; poderia ficar imensamente feliz por me sentir abraçado por todos e conseguir tirar proveito do material e estudo apresentado.

A segunda opção foi que me tomou conta.

POR UM TERCEIRO momento, o encontro pôde me permitir alguns questionamentos, como a minha postura de dirigente dentro da mocidade; de líder dentro de um grupo de amigos; do personalismo de algumas pessoas e dirigentes de casas espíritas que se fecham em seus sonhos e colocam todas as suas expectativas de vida sobre o trabalho exercido no espiritismo; as infelicidades e melindres ocasionados pela divergência de idéias; a forma de interagir em aula com os participantes de mocidade; o modo como é feito o trabalho de mocidade; se sou caridoso em ouvir; humilde em aceitar... São tantas coisas que fazem brotar, não só em mim, idéias novas de renovação de nossas atitudes, que podem fazer do movimento espírita mais enriquecedor, mais aberto e pensando acima de tudo no próximo. E pensar no próximo, na caridade, não é só na questão material de doação de alimentos, trabalhos beneficentes, mas sim, pensando nos sentimentos, na condução do trabalho, na forma de abordar os temas e principalmente ouvir. Quando estamos aptos a ouvir, estamos verdadeiramente aptos e enxergar com o coração.

Algo muito produtivo neste encontro foi perceber que os monitores, dentro do material de estudos que tinham em mãos, tinham ao mesmo tempo liberdade para aplicar as dinâmicas da maneira que melhor se adaptavam a sala. De acordo com o leque de opções que tinham, de acordo como a sala se reportava, eles sentiam-se livres para aplicar o tipo de material de estudo que seria ideal para os participantes que tinham em mãos.

Dentro destas dinâmicas, pela terceira vez em tão pouco tempo, para mim, a **Tribuna da Humildade** foi marcante. Descrita felizmente na obra *Lírios de Es-*

perança de Ermance Dufaux, os participantes, muitos deles surpresos por nunca terem visto a tribuna, puderam ter a oportunidade de abrir o seu coração em meio ao mundo desconhecido de olhos que lhes observavam e, de maneira muito comovente, contaram histórias marcantes. Um momento muito inspirador, me fazendo sentir feliz por poder estar ali participando e ouvindo. Histórias que fazem a nossa pequena dor se diminuir diante de experiências tão ímpar. Uma lição de vida.

Confesso que no último dia pude olhar para toda a escola que nos acolheu sentindo um aperto no peito como se tivesse vivido por aqueles dias um dos encontros e momentos mais felizes de minha vida. Uma comichão me apertava por dentro.

Ao escrever este texto começo a remontar na minha cabeça todo o percurso que fizemos durante o feriado de finados em Rio Preto.

Lembrança que perpetuará como mais uma vivência feliz na vida de todos os presentes. Assim como a guerrinha de bexiga d'água; as músicas que cantamos em roda com direito a violão, gaita, contra-baixo, sax e um vozeirão de jovens que ecoavam pela noite maravilhosa; as cômicas sátiras contadas pelo casal Polli e Leonora sobre os bastidores do EECOME; a comida saborosa muito bem elaborada pela equipe organizadora; todo o acolhimento com que todos fomos recebidos; a tempestade surpresa de chuva que nos fez correr pra dentro durante as aulas ao ar livre; as tardes ensolaradas rodeadas de amigos; a amizade; a partida de volta pra casa com o sentimento de felicidade por um evento que, sabemos, pode desencadear renovações em muitos jovens, no movimento espírita e em cada um de nós que estivemos presentes.

